

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulos

THIAGO SBORDONI GOMES DA SILVA

Uma análise sobre a necessidade da arte no Brasil, de
Fischer a Sodré

São Paulo
2021

THIAGO SBORDONI GOMES DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOBRE A NECESSIDADE DA ARTE NO BRASIL, DE
FISCHER A SODRÉ**

Trabalho final apresentado ao curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Orientadora:
Profa. Dra. Rejane Coutinho Galvão.

São Paulo
2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586a Silva, Thiago Sbordonni Gomes da, 1999-
Uma análise sobre a necessidade da arte no Brasil, de Fischer a Sodré / Thiago Sbordonni Gomes da Silva. - São Paulo, 2022.
28 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Arte brasileira. 3. Arte - Filosofia. 4. Arte e sociedade. I. Coutinho, Rejane Galvão. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 709.81

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

THIAGO SBORDONI GOMES DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOBRE A NECESSIDADE DA ARTE NO
BRASIL, DE FISCHER A SODRÉ**

Trabalho final apresentado ao curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Dissertação aprovada em: 19/12/2022

Banca Examinadora

Prof. Dra. Rejane Coutinho Galvão
Unesp - Orientadora

Prof. Carlos Eduardo Fernandes Junior
Unesp

Prof. Levi Fernando Lopes
Unesp

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por fazerem todo o possível para que pudesse construir minha trajetória até aqui.

A minha irmã por mostrar que vale a pena a disposição em mudar a realidade das próximas gerações.

Bruna, minha companheira, que esteve comigo e teve generosidade em compartilhar e trocar seus conhecimentos e carinho.

A professora Rejane pela disponibilidade e paciência para me orientar neste trabalho e pelas aulas e conversas que tivemos.

A UNESP por ter dado oportunidades de acessar materiais, conhecimentos e técnicas que não seriam possíveis sem toda sua estrutura.

A todos e todas que lutaram pela emancipação e tomada de poder da classe trabalhadora, que guiaram em ideias e práticas essenciais para o entendimento do funcionamento da sociedade que vivo.

Minha vó, Dona Tuca, que infelizmente se foi muito antes de poder ver o que foi essa trajetória, mas incentivou para que seguisse nesse caminho o quanto pode.

E ao Silvio, meu psicólogo que acompanhou todos os anos em que estive na faculdade, e ajudou a perceber e trabalhar cada contradição que surgiu durante esse tempo.

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural.
(Bertolt Brecht)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como intenção uma reflexão sobre o que é a arte e como o que define ser arte se transformou junto do desenvolvimento das forças produtivas. A pesquisa busca entender qual a atuação e importância de artistas em seus contextos históricos e assim discorrer sobre seus interesses e conflitos para assim também defender a importância desse entendimento para o ensino de artes, a fim de trazer aos alunos e docentes uma apropriação do papel da arte no sistema atual, para que a frase “Qual a importância de aprender artes na escola? Não vou usar pra nada.” seja respondida.

Palavras-chaves: Arte e sociedade; Historiografia marxista; Sociedades primitivas; Relações humanas e cultura

ABSTRACT

This course completion work intends to reflect on what art is and how what defines art has been transformed along with the development of productive forces. The research seeks to understand the performance and importance of artists in their historical contexts and thus discuss their interests and conflicts in order to also defend the importance of this understanding for the teaching of arts, in order to bring students and teachers an appropriation of the role of art. art in the current system, so that the phrase "What is the importance of learning arts in school? I won't use it for anything.' be answered.

Keywords: Art and society; Marxist historiography; Primitive societies; Human relations and culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A ARTE POR ERNST FISCHER	12
1.1 FERRAMENTAS, LINGUAGENS, SEMELHANÇA E A MAGIA	13
1.2 IDEOLOGIA NAS ARTES VISUAIS	17
2. DESENVOLVIMENTO CULTURAL BRASILEIRO POR SODRÉ	18
2.1 CULTURA TRANSPLANTADA	20
3. ARTISTA OU TRABALHADOR CRIATIVO	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender quais são as funções que a arte toma para si atualmente, e como ela pode afetar os artistas (trabalhadores com funções criativas, incluindo designer, ilustradores, quadrinistas e etc.), sobretudo em São Paulo, que é um dos polos culturais e principal lugar onde se instalam grandes empresas de cultura no Brasil.

Para esta pesquisa, será utilizada material bibliográfico de apoio, sendo os principais “A necessidade da arte” (1983) de Ernst Fischer e “9.5 Theses on Art and Class” (2013) do Ben Davis, além de ter como base a teoria marxista desenvolvida por Karl Marx, Frederich Engels e Lenin.

As análises sobre a questão artística deve ocorrer junto do contexto material em que está sendo analisada, a fim de ter um entendimento maior dos elementos tanto estéticos quanto de produção que determinaram a obra sujeita a análise, entender os interesses que a Arte tem em sua confecção e também trazer uma compreensão do por que atualmente este contato com a arte está se dando de uma forma tão distante das massas¹ e o que deve ser feito para a arte ter a possibilidade de se afastar da ideologia² burguesa, para que possamos humanizar as nossas relações que estão sendo constantemente atacadas pelo neoliberalismo.

Na trajetória artística, acabamos nos questionando da nossa própria competência e se realmente somos dignos de ser chamado de artista, é um acontecimento que não se resume a apenas uma “crise do impostor”, mas se dá pela própria lógica da arte no capitalismo tardio³.

¹ São a parcela da população que não existe politicamente na democracia burguesa.

² [1] concepção do mundo que implica numa determinada perspectiva de vida ligada aos interesses das classes sociais, uma escala de valores, junto com normas de conduta prática. [2] Falsa consciência, obstáculo para o conhecimento da verdade, erro sistemático, inversão da realidade, por compromissos com o poder estabelecido. O marxismo é uma concepção ideológica de mundo vinculada aos interesses dos trabalhadores (significado [1]), que questiona toda falsa consciência ideológica da burguesia (significado [2]).

³ Este conceito não tem uma definição final e consensual, mas aqui significa a etapa atual do capitalismo, onde ele se desenvolveu com um alcance global permitido pela tecnologia da informação e está extremamente conectado, e as suas contradições já estão tão latentes que ficam explícitas.

Primeiramente faremos uma análise histórica para compreender como a arte se diferenciou em determinados períodos, principalmente na Europa, tendo em vista que o modelo social imposto no Brasil tem origem europeia e acaba por condicionar que condiciona também a visão que temos das artes.

Partiremos da visão de Ernst Fischer de que a arte se desenvolve no ser humano como algo que produz sua humanidade, que determina o seu pertencimento no coletivo, e nos possibilitou, desenvolvermo-nos como sociedade, pelo domínio e criação de ferramentas, pela construção de uma linguagem que possa comunicar o trabalho necessário, criar um conceito ligado ao objeto e criar esse objeto a partir do conceito, toda essa criação tem um potencial *mágico*, ou seja, arte. Ela tem essa capacidade mágica de expandir o “eu” e absorver o mundo que está à nossa volta, se apoderando do que nos é alheio.

Rebela-se contra o ter de se consumir no quadro da sua vida pessoal, dentro das possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade. Quer relacionar-se a alguma coisa mais do que o “Eu”, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixa de ser-lhe essencial. (FISCHER, 1983)

A arte era um instrumento mágico do homem, que foi essencial para que exercesse sua dominação sobre a natureza e o desenvolvimento das relações sociais. Esta foi a função da arte nos tempos em que nossa sociedade não se dividia por classes que é a primeira forma de Fischer separar historicamente, após essa divisão ocorrer a arte vem se transformando de tantas formas que talvez seja impossível sem a compreensão do passado, observar tais características na arte atual. Não mudou por uma “degeneração” artística, o movimento real impôs esta mudança, desumanizou a todos e nos aliena do nosso trabalho, mesmo o artista, o qual tem uma identificação com sua produção, chega a se sentir esvaziado de si quando sua arte não faz sentido ao meio que ele pertence.

É que a princípio o capitalismo, forçando o artista para fora do mecenato, deu-lhe também um grande momento histórico de livre criação; mas acabou por isolá-lo numa liberdade tão glacial e completa que o artista chegou em muitos casos ao estágio absurdo de criar para os outros artistas. (FISCHER, 1983)

A divisão social do trabalho e a especialização requerida para certas atividades, tirou delas a arte que antes fazia parte, e delimitou uma linha que divide o que é arte e o que não é, qual trabalho está disposto a ter o mínimo da subjetividade de quem trabalha considerada e qual não. Essa é uma questão que traz incômodo aos artistas que se veem tendo que produzir uma arte voltada para o dito, mercado(galerias, coleções particulares, encomendas e grandes corporações), seria ele um mero trabalhador criativo que tenta corresponder às expectativas do mercado? Ou tem um gênio para ser um artista que cria e dita os movimentos estéticos da sua época?

Esse é um conflito interno que não se responde no próprio indivíduo que produz, mas no tempo e contexto que produz, é preciso entender a lógica de trabalho e produção que estamos inseridos e identificar, qual é o papel do artista no capitalismo. Para essa pergunta Ben Davis desenvolveu algumas teses que nos ajudará.

2 A ARTE POR ERNST FISCHER

A arte foi parte fundamental do desenvolvimento humano, segundo Ernst Fischer, ela aparece na atividade do trabalho como forma de “magia” no sentido de nos trazer um domínio ao mundo material, assim como a religião e a ciência. Mesmo sendo magia, não significa que o processo de fazer uma obra de arte envolve algo como um gênio ou além da consciência, é altamente racional, é um processo de expandir sua breve existência e ser mais que “Eu”.

O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo. Sente que só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. É o que um homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.(FISCHER, 1983)

Vemos que o ser humano deseja se incluir em uma organização social de forma que possa entender a humanidade e para isso Fishcer aponta a importância da arte. Mas a razão de se fazer e criar arte não se mantém a mesma, e quando está presente em uma sociedade de classes que se desenvolvem com interesses antagônicos, ela se difere cada vez mais de sua função original.

Determinar a origem da arte é uma tarefa complexa. A arte é, na visão marxista, uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade humana como nos definiu Marx:

O processo do trabalho é... atividade deliberada...para a adaptação das substâncias naturais aos desejos humanos; é a condição geral necessária para que se efetue um intercâmbio entre o homem e a natureza; é a condição permanente imposta pela natureza à vida humana e, por conseguinte, independe das formas da vida social — ou, melhor, é comum a todas as formas sociais.
(MARX; ENGELS, apud FISCHER, 1981, p 21)

O trabalho é imposto para o ser humano, pois só através dele é possível criar as condições de sobrevivência da espécie, qualquer atividade deliberada de criação e transformação da natureza entra na categoria trabalho. Agora que sabemos sua determinação, quais são as características que essa atividade deve ter para ser categorizada como artística? De início será analisada a sociedade antes da divisão por classes.

2.1 FERRAMENTAS, LINGUAGENS, SEMELHANÇA E A MAGIA

De acordo com Fischer, “O homem tornou-se homem através da utilização de ferramentas. Ele se fez, se produziu a si mesmo, fazendo e produzindo ferramentas.”(FISCHER, 1981) Com essa afirmação, o autor nos apresenta a relação dialética do ser humano com as ferramentas, ambos se criam e são criados, simultaneamente, um organismo que trabalha a natureza e a modifica para ajudá-lo a satisfazer suas necessidades. Cria-se então, a ferramenta e distingue ser humano

dos demais animais que precisam se adaptar aos padrões naturais. Na relação entre um ser humano e uma ferramenta, faz-se necessário um órgão que possa trabalhar e mediar essa interação: a mão. Fischer, no entanto, não simplifica o desenvolvimento humano apenas ao desenvolvimento das mãos, mas aponta sua importância.

Para guiar a mão a fazer movimentos finos e calculados essencial para a confecção de objetos se fez necessário um cérebro integrado em um sistema nervoso, e a capacidade de ver o mesmo objeto com os dois olhos, podendo medir a distância com mais exatidão, com tais capacidades já se pode pensar sobre esses objetos, inverter a ordem de causa e efeito, para atingir tal efeito, cria-se suas causas por meio do trabalho com o objetivo claro em nossas mentes.

A capacidade de premeditar o objeto nos pensamentos antes de fazê-lo é essencial para diferenciar o trabalho humano das atividades de outros animais. Mesmo que nos espante a eficiência e beleza na qual um joão-de-barro constrói sua casa, ela não existiu antes em sua cabeça como quando um humano, ainda que não muito habilidoso decide criar para si uma morada, a nossa distinção vem também da ideia, de construir a casa antes em nossa imaginação, premeditar sua forma e aplicar a materialidade, este é o trabalho em seu desenvolvimento total “Conquistou-se uma nova força sobre a natureza e esta nova força é potencialmente ilimitada. Nessa descoberta, precisamente, está uma das raízes da mágica e, por conseguinte, a arte.”(FISCHER, 1981) agora já não mais esperar a natureza lhe oferecer o que precisava, força-a a entregar o que quer.

Os animais têm muito pouco a comunicar uns aos outros. A linguagem deles é instintiva: um sistema rudimentar de sinais para o perigo, a atração sexual, etc. Somente no trabalho e através do trabalho é que seres vivos passam a ter muito que dizer uns aos outros. A linguagem surgiu juntamente dos instrumentos. (FISCHER, 1981, p. 30)

Com o trabalho se desenvolvendo, um novo sistema de comunicação foi necessário e encorajado. Isso não quer dizer que a comunicação não existia. Mas a existente já não era suficiente, quanto mais coisas eram criadas, mais palavras para nomeá-las eram desenvolvidas junto a linguagem. Sobre esse assunto, Fischer afirma que.

Sem o trabalho — sem a experiência da utilização de instrumentos — o homem jamais poderia ter desenvolvido a linguagem como imitação da natureza e como sistema de signos representativos de atividades e objetos, isto é, como *abstração*. O homem criou palavras articuladas e diferenciadas não só por ser capaz de dor, alegria e surpresa, mas por ser capaz de *trabalhar*; por ser uma criatura que trabalhava. (FISCHER, 1981, p. 36)

A repetição e reprodução de objetos, se desenvolvem uma certa padronização dos mesmos, e de nomes que determinam o que são, para usar o exemplo de Fischer, mesmo tendo criado e reproduzido vários machados de pedra lascada, existe pelo meio da linguagem, apenas um machado que chamaremos de machado-modelo, qualquer imitação desse machado-modelo serve ao ser humano, pois ao seguir suas características fundamentais terão todos o mesmo funcionamento. Assim uma forma conceitual de machado, a linguagem, ferramenta e humano se formam de maneira interdependente pela semelhança, qualquer pedra que antes poderia ser inútil, agora poderia ser lascada para ser utilizada como machado.

Ao criar conceitos o ser humano passa a identificar os objetos e elementos não mais por uma coisa qualquer e única mas pela semelhança, como por exemplo, todos os pássaros com mesmos hábitos e características agora são João-de-Barro, e todo João-de-Barro faz parte do grupo de aves, que engloba várias outras espécies de hábitos e características semelhantes. Essa concentração de significado possibilitou uma comunicação mais efetiva entre os indivíduos humanos de partilhar suas percepções com mais clareza.

Este processo de semelhança se desenvolveu com a repetição do trabalho e do conhecimento passado entre os membros de um grupo. A partir do momento que

todos os membros tinham o mesmo significado de um objeto, o processo para sua confecção pode então ser melhor organizado pelo grupo e para suas atividades em relação a este objeto e separar de outras atividades que não o envolvessem.

Vemos então como o trabalho tem uma função fundamental para a elevação da espécie humana, através dessa interação de interferência da natureza, desenvolvemos um certo poder sobre ela e criamos cada vez mais formas de dominá-la, seja por novas definições, outras maneiras de trabalhar uma mesma matéria-prima, a ligação com o divino que determinamos para certos eventos e também um estudo aprofundado da composição física da própria matéria. Fischer trata essa dominação como sendo algo mágico, a magia de criar e transformar a realidade por vontades que antes já tinham forma na imaginação, em sua fase primitiva pré divisão de classes, ciência, religião e arte eram a mesma coisa, esse instrumento mágico coletivo de luta pela sobrevivência humana. Uma caçada era precedida de rituais e danças que de fato traziam um domínio sobre essa atividade, pintar os rostos e os corpos para intimidar os inimigos acompanhando de gritos que aumentam a moral dos combatentes e rituais de passagem que ditam a participação dos indivíduos na coletividade.

A arte, em todas as suas formas — a linguagem, a dança, os cantos rítmicos, as cerimônias mágicas — era a atividade social *par excellence*, comum a todos e elevando todos os homens acima da natureza, do mundo animal. A arte nunca perdeu inteiramente esse caráter coletivo, mesmo muito depois da quebra da comunidade primitiva e da sua substituição por uma sociedade dividida em classes. (FISCHER, 1981, p. 47)

Com o domínio das ferramentas e capacidade de se organizar graças a uma série de signos que qualquer membro poderia entender, o desenvolvimento das forças produtivas foi inevitável, e com isso as sociedades ainda primitivas conseguiam produzir mais que o necessário para se manter viva, gerando algo novo, excedente de produção. Uma parte desse grupo agora se responsabiliza por organizar este excedente acumulado e outra parte se mantém produzindo além do necessário, dando origem a sociedade dividida por classes, existem os que produzem e os que possuem.

“A acumulação, portanto, cada vez mais acelerada, das riquezas —; uma instituição que, em uma palavra, não só perpetuasse a nascente divisão da sociedade em classes, mas também o direito de a classe possuidora explorar a não-possuidora e o domínio da primeira sobre a segunda.

E essa instituição nasceu. Inventou-se o Estado.”(ENGELS, 2010, p. 137)

Vemos que antes da sociedade de classes a arte não se distinguia de qualquer outra tarefa exercida, então Fischer observa que a qualidade artística está no ato de criação e transformação do trabalho que ainda não divide de fato a atividade de trabalhar com fazer arte.

2.2 IDEOLOGIA NAS ARTES VISUAIS

O artista só passa a existir como uma profissão de fato na sociedade dividida em classes, ele serve como um porta-voz para o povo, seu dever era de explicar acontecimentos e descrevê-los, não podia colocar nada de si em sua obra, sua vida privada a ninguém interessa neste contexto. A divisão do trabalho teve o custo da alienação do trabalhador, de si, do que produz e da natureza que lhe é necessária para produzir, deu margem para um fenômeno de individualização que não pararia de se desenvolver e naturalizar.

Nas artes a individualização aparece junto de uma nova classe, a dos navegadores comerciantes, estes que não estão presos a sua terra como os latifundiários, a eles restava a aventura, a guerra e o heroísmo. Aquiles e Ulisses não eram heróis em sua pátria, se tornam quando vão arriscar suas vidas no mar, tornavam-se homens para si mesmos, dependiam de suas habilidades de liderar, navegar e etc.

Enquanto nascem essas histórias de heróis gregos, a economia passa a se monetizar, o valor de troca supera o valor de uso nas relações do mercado. Os contos, pinturas, esculturas e etc. São como anúncios dessa mudança que aconteceu. De príncipes-mercadores que atracavam nas cidades costeiras e

enfrentavam famílias aristocráticas, a riqueza em sua forma monetária não depende de títulos e realeza, o “Eu” se torna prioridade nas relações humanas refletindo as relações comerciais. E a arte passa a reproduzir sentimentos individuais, mas que pudesse ser compreendido por todos, como o sentimento de solidão ou de ser rejeitado, assim fez Safo de Lesbos em seu poema a Afrodite, pede que o amor que a rejeitou pudesse desejá-la e vir a seu encontro, não é uma pura e simples descrição de um sentimento, é também uma tentativa de mudar sua condição solitária. A Arte funcionando como uma meio individual para um fim coletivo, o artista só poderá falar daquilo que as condições sócias de seu tempo deram a ele, não se trata de um indivíduo que experienciou coisas diferentes de outros membros de sua sociedade, e sim de um que pode concentrar suas experiências que ainda que fossem suas são comuns a todos de sua época. Em relação a esta condição do artista, Fischer nos aponta que.

Tem sido quase sempre uma característica dos grandes períodos da arte a de que as idéias da classe dominante ou as idéias de uma classe revolucionária em ascensão coincidam com o desenvolvimento das forças produtivas e com as necessidades gerais da sociedade. Em tais períodos de equilíbrio, uma nova e harmoniosa unidade tem parecido haver sido quase alcançada, e os interesses de uma determinada classe particular têm parecido ser o interesse comum. O artista, vivendo e trabalhando em um estado de ilusão mágica, prefigurava o nascimento de uma comunidade que tudo abarcaria. Porém, na medida em que o caráter ilusório dessa expectativa se tornou claro, na medida em que a aparente unidade se desintegrou e voltou a explodir o conflito entre as classes, e na medida em que as contradições e injustiças da nova situação se tornaram mais agudas, a situação da arte e dos artistas tornou-se mais difícil e mais problemática. (FISCHER, 1981, p. 58)

Em tempos de contradições de classes veladas e desenvolvimento das formas de produção, o artista reproduz em sua arte essa harmonia, cria a ilusão de que as contradições estão resolvidas e o caminho para uma nova sociedade mais justa está por vir, mas quando as contradições emergem o artista se vê em uma situação complicada, de ter que reproduzir essa sociedade mantendo a ideia de que um futuro pode ser construído.

3. DESENVOLVIMENTO CULTURAL BRASILEIRO POR SODRÉ

No Brasil, ocorre um fenômeno cultural que Nelson Werneck Sodré observou com sagacidade e chamou de cultura transplantada, visto a colonização portuguesa no território brasileiro é necessário entender como esse processo se deu na formação cultural do povo e as contradições que tensionam essas relações.

De 1500 até a fuga da família real para o Brasil, a cultura se resume ao que os jesuítas passavam aos povos originários, uma vez que a eles era negado a prática de tradições não católicas. Mesmo com essa restrição a cultura Tupi se infiltra, sendo a língua usada cotidianamente, até mesmo para os rituais católicos, até que foi proibida em 1727. Vemos que o que se desenvolve é uma permeação dos ideais da igreja católica a fim de expandir sua influência e criar uma resistência às reformas europeias inspiradas do iluminismo e difundir uma ideologia não profissionalizante, que fosse igual em todo o país, para recrutar mais membros a Companhia de Jesus, alienado da realidade.

O que o caracteriza [aos brasileiros], não é a penetração, nem o vigor, nem a profundidade, mas a facilidade, a graça, o brilho; é a rapidez no assimilar, a ausência total de exatidão e de precisão, o hábito de tomar as coisas obliquamente (*talent for indirection*) e de lhe apanhar os aspectos que tocam menos à inteligência do que à sensibilidade. Aliás, nesse mundo móbil e disperso, dominado pelas necessidades materiais imediatas, a filosofia e a ciência não tiveram tempo de lançar raiz; e todos os defeitos dessa cultura verbalista, escolástica, dogmática, que herdamos dos portugueses e que se infiltrou até a medula, no ensino de todos os graus, não revelam menos urna inteligência fraca do que uma inteligência mal formada, e, portanto, capaz, como já o tem provado, de se destacar, sob uma nova orientação, em todos os domínios, da literatura e das artes, como da técnica, da ciência e do pensamento puro ?. (1943, p. 114–115; apud SODRÉ, 1981, p. 17–18)

Para não cair em um discurso academicista é preciso reiterar que não é uma apologia ao conhecimento científico e filosófico em detrimento do conhecimento popular, mas diz respeito à articulação colonial de cercear o possível aprimoramento desse conhecimento e desenvolvimento da cultura. Pois para o modelo político-econômico que se deu na época em questão, não era do interesse da classe dominante (senhores de terras e latifundiários) financiar projetos que promovessem

algo além do que os jesuítas se dispuseram a fazer. Os senhores esmagam as comunidades indígenas, e implantam um sistema de trabalho baseado na escravidão, e os jesuítas, trouxeram os dogmas moralizantes e a disciplina religiosa, além de letrar os filhos dos senhores.

Já vemos o germe de uma ideia que se mantém na cultura brasileira, de separar o trabalho intelectual (destinado aos religiosos e minoria letrada) do trabalho físico (indígenas e posteriormente africanos escravizados e em menor quantidade os servos europeus). De tal período, as produções visuais foram irrelevantes para o desenvolvimento da cultura, como a invasão holandesa, ou foram tratadas como estranhas ao modelo social, como as produções indígenas. Já a música e a dança tem uma contribuição relevante da classe dominante, pelas cerimônias de igreja, instrumentos e melodias, e pelas classes dominadas, com músicas de trabalho, e rituais e danças resistiram à supressão da Igreja e dos senhores.

3.1 CULTURA TRANSPLANTADA

Em países que as relações pré-capitalistas tiveram um tempo extenso de vigência é comum o surgimento de uma classe intermediária, a pequena burguesia, antes mesmo do surgimento da burguesia. O Brasil colonial se incluiu nesse tipo de país, e o que surgiu entre a classe dos senhores (de escravos e/ou servos) e a classe dos escravos e/ou servos, têm papel político e cultural de importância, essa classe transplanta a ideologia e valores estéticos burgueses que estava em ascensão no Ocidente europeu. Dela engajam os intelectuais, que tiveram destaque no período entre o fim do ciclo do ouro e o golpe para levar Dom Pedro II ao trono.

O ciclo do ouro, foi responsável por um enorme aumento demográfico e por consequência o mercado interno se formou rapidamente, da demanda de suprir esse mercado a divisão social do trabalho se amplia e o Estado se desenvolve, ramificando em diversas funções. O modelo social que surge, ainda incipiente, já

inverteu lógicas postas pelo regime açucareiro, nele se caracterizou uma classe dominante numerosa e mediana e uma população livre maior que a população escravizada; essa classe intermediária – os não escravizados – cresceu tanto em número quanto nos espaços sociais ocupados, sendo nela que giram os elementos culturais daquela sociedade. Tendo surgido antes da burguesia, foi a classe que trouxe a ideologia burguesa europeia (pela falta de uma nacional) na colônia e no Império.

Com uma transformação tão significativa, é de se esperar o impacto que gerou na educação do país, por decisão do império português, os jesuítas estavam agora expulsos deixando para trás uma grande estrutura.

Quando da expulsão, realmente, possuíam, os jesuítas, na metrópole, 24 colégios, além de 17 casas de residências, e, na colônia, 25 residências, 36 missões e 17 colégios e seminários, sem contar os seminários menores e as escolas de ler, escrever e contar, instaladas em quase todas as aldeias e povoações onde existiam casas da Companhia. (SODRÉ, 1981, p. 27–28)

Apesar do crescimento em estrutura, o ensino da Companhia se manteve, organizado pelos padres e com o objetivo de uma uniformidade intelectual, não houve espaço para que o conhecimento se desenvolvesse de acordo com as necessidades nacionais e ignorando a ciência.

As reformas de Pombal porém, não propuseram um novo sistema que se aproveitasse da estrutura deixada pelos jesuítas, foram dadas algumas orientações gerais, isso acaba por fragmentar o ensino em escolas régias, com mestres deficientes de formação, ou nos latifúndios, com padres que se tornam professores, ambas ironizadas pelas matérias e falta de pedagogia.

Houve sem dúvidas um avanço na cultura nacional, que se estabeleceu principalmente nas cidades, que possibilitou a sede de ofícios artesanais, atividade religiosa, profissões liberais e o crescimento de um corpo de funcionalismo público e serviço militar. Trata-se de uma sociedade que recentemente dispõe de espaço à cultura, que inclui as produções artísticas.

...encontram apreço na camada intermediária e, em parte, na classe dos senhores – pelo menos como motivo de ostentação – de forma a desenvolver-se, distinguindo-se socialmente os que nelas mais se destacam e tendo em comum com os lares da classe dominante, salvo quando se aparenta ao artesanato, o traço de não surgir do trabalho físico, de contrastar com ele, de ser própria de homens livres.(SODRÉ, 1981, p. 32)

Este efeito percebido por Sodré, revela uma característica, nas artes brasileiras que se mantêm até os tempos atuais, e que Ben Davis também percebeu e apontou em suas teses.

4. ARTISTA OU TRABALHADOR CRIATIVO

Para um entendimento da situação em que a cultura brasileira se encontra, é preciso considerar a importância que a classe tem em sua determinação. Como apresentado por Sodré, a classe trabalhadora não tem força para impor seus interesses sobre a cultura, e está sujeita em sua maioria aos detentores dos meios de produção e reprodução culturais.

Nas artes visuais contemporâneas, as classes dominantes determinam seus valores através de casas de leilão, colecionadores corporativos, investidores, curadores, administradores de grandes instituições culturais e universidades. Por ser classe dominante e possuir os meios que garantem sua posição e reproduz as condições que mantém sua dominação.

Para tal, a arte apresenta alguns papéis que a arte assume como aparelho ideológico é de representar diretamente os valores da classe dominante, nesse quesito podemos pegar a observação de Ernst Fischer sobre o nascimento do artista como uma espécie de gênio, evidenciando o individualismo exacerbado que cresce junto da burguesia europeia. Mesmo os artistas tendo como intenção contestar as contradições presentes na sociedade que vive, “enfrentando o mundo burguês como “gênio”, sonhava com a unidade perdida e clamava por uma comunidade ideal”(FISCHER, 1981, p. 65). Justamente por ser ideal não tem como superar aquilo que nega, para isso Ben Davis aponta mais um papel cumprido pela arte, serve de válvula de escape para impulsos radicais, contendo essa energia.

Apesar de a ideologia dominante ser a final nas artes, a predominância, afirma Ben Davis concordando com Ernst Fischer e Sodré é na classe média. A classe média aqui é determinada pela relação com o trabalho, não com nível de renda, sua relação com o que produz é individual, há uma identificação com o que é produzido e exige uma autodisciplina com a produção. Ser artista é atividade de classe média, o sonho de ganhar a vida com os produtos de seu próprio trabalho,

ser capaz de controlar a produção e se identificar com o que cria. A perspectiva que a classe média tem sobre a importância e o papel da arte se diferencia ao da burguesia, é identificada como forma de se expressar, pela criatividade, seja através de estilos e técnicas; conteúdo intelectual; e debates da teoria da arte em que predominam a afirmação da individualidade.

Nesse dever de desempenhar a arte como profissão e encontrar em si uma vocação em fazê-lo, entra em contradição quando o que o artista quer expressar e a demanda do mercado que fará com que seja possível ganhar a vida.

As artes visuais têm relações limitadas com a classe trabalhadora sendo regularmente quando ocupam funções como trabalhadores de galeria, fabricantes de componentes artísticos (quase sempre anônimos), trabalhadores de museus e tal. Muitos artistas atuam dessa forma, sendo apenas uma aspiração o sonho de trabalhar em caráter de classe média aos que se identificam “artistas”, e a produção de obras de arte permanece nessa classe, muito mais que nas outras indústrias criativas. A individualização do trabalho, característico da classe média, incentivado pela burguesia, faz com que esses trabalhadores liberais acreditem que para alcançar objetivos políticos individualmente, através de sua intelectualidade, personalidade ou retórica.

Ainda que tenha suas peculiaridades não deixam de fazer parte da classe trabalhadora, portanto possui a capacidade de alcançar seus interesses somente pela organização, apesar de parecer piada uma greve de artistas, a maior parte deles não se encontra nas galerias, museus e espaços culturais. Nas artes visuais em sua maioria não se faz necessário a presença do artista(muitas vezes é preferível, para as instituições, que este esteja morto) pois só o produto que cria já se faz suficiente aos fins que a arte tem para a classe dominante, o objetivo de repositório de valor, ou abate de impostos. Nas outras esferas de produção visual que pelas instituições culturais não se enquadram totalmente como “arte”, as relações se dão na forma que se costuma tratar atualmente como uberização, que

sustentam igualmente essa individualização e conflito entre produzir o que quer e o que se demanda, por isso a tentativa de greve não é coletiva, pela falta de organização desse setor que possui uma alta competitividade interna. Ou seja, esses trabalhadores produzem produtos criativos não como expressão de sua individualidade, mas como meio de realizar uma tarefa. Nessa perspectiva, a "arte" é desmistificada; não é uma forma de expressão singular e elevada, mas apenas outra atividade humana que é o foco do trabalho.

O conceito de "arte" também pode significar um tipo de trabalho que responde às demandas do local de trabalho, como expressão autodeterminada, seja ele privado ou político, tendo em vista a forma como o trabalho da classe trabalhadora é determinada pela classe dominante, sendo dessa forma, a magia que Fischer nos apresenta como uma vez presente na arte, só será dada para algumas produções humanas com o objetivo de segregar e organizar de forma qualitativa o que pode ser mais "humanizado" e o que será mais mercadoria, ainda que todo trabalho no final se torne mercadoria, já que essa é a função de qualquer fruto do trabalho humano no capitalismo em que se encontra a maior parte dos países do globo. No entanto, o impulso artístico como um todo não desaparece simplesmente diante de suas circunstâncias históricas particulares. Na medida em que há um significado fundamental para a arte, assim como há uma necessidade de expressão criativa, os seres humanos também exibem um certo nível de criatividade diária em seu trabalho, porque todo trabalho envolve a transformação criativa da matéria ou da vida. E toda atividade criativa da classe trabalhadora será suprimida pelo Estado (organização da classe dominante que tem o monopólio da força), das formas cabíveis, sendo pelas vias de criminalizar, abrandar suas perspectivas, enlutar em sua própria produção, entre outras.

Para Ben Davis as artes visuais possuem certas questões que não podem ser resolvidas dentro desta esfera particular em sua forma atual; desse ponto de vista, uma visão de mundo crítica realista e eficaz pode ser desenvolvida. Uma obra de arte nunca é reduzida a um único significado quando diferentes influências de classe

estão em jogo nas artes visuais; frequentemente, as obras de arte representam compromissos na tentativa de conciliar várias influências em uma única fórmula estética (por exemplo, uma obra de arte pode ser executada de uma forma que atraia os colecionadores de arte e, ao mesmo tempo, tentar infundir nela uma assinatura profissional única). A força relativa dos vários valores artísticos no campo das artes visuais resulta de um equilíbrio único de forças de classe; dependendo dos pontos fortes dessas várias classes e das demandas que elas são capazes de atender, pode haver situações para a arte contemporânea mais ou menos progressistas, isso depende de articulações e organização políticas de base, que vão para além da própria arte para que avanços não possam ser desfeitos com a facilidade que observamos recentemente. Podemos então ver que não apenas para entender a arte é necessário estar atento às questões que a sociedade de classe impõe a ela e só através de tal perspectiva poderá ser resolvida eventuais problemas, pois os interesses antagônicos de classes antagônicas não são possíveis de qualquer conciliação e o artista deve escolher por quais interesses trabalhar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As artes visuais que em São Paulo é mais popular pelo cinema e animações, é majoritariamente produzida por estudiosos estrangeiros, que chegam a utilizar mão de obra brasileira nos trabalhos criativos, essa situação nos mostra que nessa área artística, a análise que Nelson Werneck Sodré mantém em certos aspectos, a cultura transplantada permeou mais ainda a capital paulista de forma que a classe média desta tem certa repulsa pelo produto de arte nacional, vindos das quebradas do mundaréu (como Plínio Marcos se refere às periferias de São Paulo).

Para superar essa condição é preciso identificar o que as construiu, e foi apontado o capitalismo como base para as relações culturais que temos, e como o Brasil se encontra na periferia deste sistema, isto é, não tem soberania para colocar os interesses nacionais à frente de imposições estrangeiras. A superação da cultura transplantada deve observar a situação de vassalagem a que somos sujeitos e o

cuidado com as culturas que foram afastadas da identidade nacional, mesmo que essas tenham se desenvolvido anteriormente e junto da história brasileira. Claro que não é tarefa de um artista ou pesquisador (como atividade de um intelectual que se distancia de sua realidade social, fruto do individualismo da ideologia burguesa), é algo que deve estar em constante movimentação com os trabalhadores, que tem um variedade de demandas e questões que precisam ser moldadas pela organização popular.



REFERÊNCIAS

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Leandro Konder. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FERNANDO DE AZEVEDO. **A Cultura brasileira - Introdução ao estudo da cultura no Brasil**. 2ª ed. [s.l.] Companhia Editora Nacional, 1943.

FISCHER, E. **A NECESSIDADE DA ARTE**. Tradução: Leandro Konder. 9ª ed. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR EDITORES, 1981.

SODRÉ, N. W. **Síntese da História da Cultura Brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 78

KOHAN, N. Dicionário básico de categorias marxistas. [s.d.].